

X Seminário do programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira

CADERNO DE RESUMOS



**X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA BRASILEIRA (SPPGLB)**



**ENTRE VOZES
E SILÊNCIOS:**
reconfigurações
do cânone
brasileiro

DATAS:
**14, 15 E 16
de OUTUBRO**

LOCAL:
Sala Villa-Lobos da
Biblioteca Brasileira
Guita e José Mindlin

   

Realização



seminário do programa de
pós-graduação em **literatura brasileira**

Apoio

Departamento de
Letras Clássicas e
Vernáculas



CADERNO DE RESUMOS

Comissão organizadora:

Aline Elen Santos Galvão
Jenifer Ianof de la Fuente
Luciana Diogo
Mariana Carlos Maria Neto
Tamiris Tinti Volcean

PROGRAMAÇÃO

DIA 1- Segunda-feira, 14 de outubro



9H: ABERTURA

Diálogos sobre literatura e sociedade: novos olhares

• **Convidado:** José Miguel Wisnik | • **Mediadora:** Yudith Rosenbaum

11H: Literatura produzida por mulheres

• **Convidadas:** Yudith Rosenbaum e Andrea del Fuego | • **Mediadora:** Eliane Fittipaldi

14H: MESA 1 – Questões da autoria feminina

• **Mediadora:** Sandra Trabucco Valenzuela

1. Uma profissional polígrafa: a obra e a figura de Júlia Lopes de Almeida

Verônica dos Santos Modolo

2. Rupturas e permanências do sistema patriarcal brasileiro, o caso da personagem Patrícia em Verão no aquário, de Lygia Fagundes Telles

Caio Augusto Leite

3. As buscas incessantes em Tu não te moves de ti (1980) e A obscena senhora D (1982): um estudo sobre os narradores-personagens de Hilda Hilst

Beatriz Rodrigues Torres Zanon

4. Do pecado à catarse: o acesso da mulher à dimensão do erotismo no Modernismo brasileiro - **Amanda Oliveira**

16H: Formas não canônicas do texto literário

• **Convidados:** Marcos Antônio de Moraes, Andrea Saad e Jean Pierre Chauvin

• **Mediador:** Ricardo Souza de Carvalho

18H: Literatura LGBTQIA+

• **Convidados:** Amara Moira, Natalia Borges Polesso e Caio Jade

• **Mediador:** Emerson da Cruz Inácio

DIA 2- Terça-feira, 15 de outubro



16H: MESA 4

Literatura brasileira e negritude: autores e personagens negros

• **Mediadora:** Vima Lia Martins

1. Entre a invenção e o pragmatismo: uma análise do conto "O diplomático"

Fernando Rodrigues da Costa

2. "A cidade, eles querem catita": diálogos entre as crônicas e o romance

"Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá", de Lima Barreto - **Patricia Dayane Acs**

3. A fugitividade como índice do descompasso conciliador em Jubiabá,

de Jorge Amado - **Felipe Veríssimo Pereira**

4. Jorge Amado: do conteur e romancista ao crítico literário

Kátia Giovana Costa Lima

18H: Vida de papelório: lendo, escrevendo e editando

Revista Opiniões: balanço da produção editorial no quadriênio 2021-2024

• **Convidado:** Eduardo Marinho

Lançamento de livros . 18h

- ✓ ***Pulmões abertos. Frases curtas***, de João Paulo Bense
- ✓ ***Meu desejo***, de Júlia Batista
- ✓ ***Eu, o abismo de mim e outros terrores***, de Jenifer Ianof
- ✓ ***Mulheres assentadas: mãe de todas as lutas***, de Tamiris Volcean
- ✓ ***Bolsonarismo, Integralismo e Fascismo***, de Sergio Schargel
- ✓ ***Numa só onda o mar inteiro***, de Caio Augusto Leite

DIA 3- Quarta-feira, 16 de outubro

9H: MESA 5 – Perspectivas literárias: história, crítica e teoria

• Mediadora: Mariângela Alonso

1. A história literária no Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra (1771)
Dario Trevisan
2. A memória de Riobaldo: a mimesis do lembrar-esquecer em Grande sertão: Veredas
Cláudia Ayumi Enabe
3. A loucura como crítica e negação da lógica e da pretensão ao universal, em “Darandina” de Guimarães Rosa - **Aline Elen Santos Galvão**

11H: MESA 6

Exclusão, opressão e violência: desafios à ordem social na Literatura Brasileira

• Mediador: Jaime Ginzburg

1. “Demônios”, de Aluísio Azevedo - **Luana dos Santos Claro**
2. Sociologia da punição para pesquisa em Literatura Brasileira - **Bruno Costa Vitorino**

14H: MESA 7 – O poeta é um doador de sentidos

• Mediador: Ubiratã Roberto Bueno de Souza

1. A década de 1820 e o nascimento da poesia brasileira - **Bruno Gomes Rodrigues**
2. No avesso, o trabalho: a urdidura poética de Orides Fontela - **Irana Magalhães Timoteo**
3. O sangue dos que não negociaram - **Mariana Carlos Maria Neto**

16H: O sentido do cânone

• Convidados: Jorge de Almeida, Viviana Bosi e Julián Fuks | • Mediadora: Priscila Figueiredo

18H: ENCERRAMENTO

Narrativas da exclusão e resistência: desafios contemporâneos da Literatura Brasileira

• Convidado: Jeferson Tenório | • Mediador: Henrique Balbi

Sumário

Sumário

PROGRAMAÇÃO	4
QUESTÕES DA AUTORIA FEMININA	9
Uma profissional polígrafa: a obra e a figura de Júlia Lopes de Almeida.....	9
Rupturas e permanências do sistema patriarcal brasileiro, o caso da personagem Patrícia em <i>Verão no aquário</i> , de Lygia Fagundes Telles	11
As buscas incessantes em <i>Tu não te moves de ti</i> (1980) e <i>A obscena senhora D</i> (1982): um estudo sobre os narradores-personagens de Hilda Hilst.	12
Do pecado à catarse: o acesso da mulher a dimensão do erotismo no Modernismo brasileiro	13
LITERATURA ÀS MARGENS: FORMAS LITERÁRIAS NÃO CANÔNICAS	14
Os escreveres de Clarice Lispector: um estudo de crônicas metalinguísticas	14
De autora a personagem: a literatura de e sobre Sylvia Serafim.....	15
Viagem e aprendizagem epistolar: breve reflexão sobre o diálogo entre Mário de Andrade e Ademar Vidal.	16
VOZES DO INDIZÍVEL: ANGÚSTIA E TRAUMA NA LITERATURA	17
A angústia em <i>Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres</i> , de Clarice Lispector	17
Projeção vibrante da matéria em <i>Perto do coração selvagem</i>	18
Rupturas traumáticas e tessituras mnêmicas em um <i>Outros cantos</i> , de Maria Valéria Rezende	19
LITERATURA BRASILEIRA E NEGRITUDE: AUTORES E PERSONAGENS NEGROS.....	20
Entre a invenção e o pragmatismo: uma análise do conto “O diplomático”	20

“A cidade, eles querem catita”: diálogos entre as crônicas e o romance <i>Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá</i> , de Lima Barreto. ...	22
A fugitividade como índice do descompasso conciliador em <i>Jubiabá</i> , de Jorge Amado	23
Jorge Amado: do <i>conteur</i> e romancista ao crítico literário	24
PERSPECTIVAS LITERÁRIAS: HISTÓRIA, CRÍTICA E TEORIA.....	25
A história literária no Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra (1771)	25
A memória de Riobaldo: a <i>mimesis</i> do lembrar-esquecer em <i>Grande sertão: veredas</i>	26
A loucura como crítica e negação da lógica e da pretensão ao universal, em “Darandina”, de Guimarães Rosa	27
EXCLUSÃO, OPRESSÃO E VIOLÊNCIA: DESAFIOS À RAZÃO E À ORDEM SOCIAL NA LITERATURA	29
“Demônios”, de Aluísio Azevedo	29
Sociologia da punição para pesquisa em Literatura Brasileira	30
O POETA É UM DOADOR DE SENTIDOS.....	31
A década de 1820 e o nascimento da poesia brasileira.....	31
No avesso, o trabalho: a urdidura poética de Orides Fontela	32
O sangue dos que não negociaram.....	33

QUESTÕES DA AUTORIA FEMININA

Uma profissional polígrafa: a obra e a figura de Júlia Lopes de Almeida

Verônica dos Santos Modolo

Mestranda em Literatura Brasileira (FFLCH – USP)

veronicamodolo@usp.br

Durante a belle époque brasileira, o meio literário e jornalístico brasileiro foi marcado pelos autores polígrafos, escritores que praticaram uma gama de gêneros textuais em voga no período (Broca, 2003). A poligrafia caracterizou-se como não somente a abordagem de temas e formas diversas, mas também a interação entre essas produções, de forma a constituir uma obra e um nome reconhecidos pelo público, no contexto de um campo literário em mudança (Bezerra, 2009). Isto porque a virada do século XIX para o século XX foi um momento de transformação mais ampla da sensibilidade coletiva e, mais especificamente, da condição social do artista, que se insere em dinâmicas editoriais e de circulação da produção escrita mais velozes e competitivas (Sevcenko, 1999). Nesta nova configuração, o valor da atividade intelectual dependia também de ganhos materiais e simbólicos, e a expansão dos espaços de atuação atendia a esta problemática dos autores (Miceli, 2001). Por isso, são diversos os escritores que se notabilizaram por sua presença constante nos espaços ocupados pela intelectualidade, como jornais, grupos e salões. Um destes espaços, talvez o de maior fecundidade, foi o jornal, local caracterizado pela heterogeneidade discursiva, pelo debate e pela polêmica, que abrigou as mais diversas manifestações, gêneros e nomes (Barbosa, 2007). Dentro deste quadro, do ponto de vista dos estudos sobre autoria feminina, há particularidades relevantes na atuação das mulheres escritoras que se lançaram nos campos literário e jornalístico. Os jornais foram para estas autoras a arena para pautarem linhas de luta por direitos (Muzart, 2003) e conquistarem uma voz pública sujeita à crítica e à concordância (Pereira, 2010; Duarte, 2010). Esta atitude em relação ao jornal surge em combate à deslegitimação da produção artística e intelectual feminina de modo geral, que incluía a literatura (Simioni, 2008). É possível entender a condição social de gênero como um fator extraliterário de prestígio (Fanini, 2016), frente ao qual as mulheres tomam uma posição, conscientemente ou não, por suas práticas e produções. Neste sentido, a poligrafia teve para as escritoras significação específica, na medida em que estas disputaram, por meio da produção variada e articulada, este campo excludente. Neste contexto, Júlia Lopes de Almeida destaca-se pela quantidade e longevidade de sua produção. Foram cerca de 40 anos como uma profissional das letras reconhecida pelo público, por seus pares e pela crítica de seu período. Lopes de Almeida foi romancista, contista, teatróloga, cronista, conferencista e ensaísta, colaborando em diversos jornais, publicando consistentemente e participando de eventos e reuniões de discussão sobre a literatura e a cultura brasileira. Em entrevista a João do Rio, reconheceu a importância do jornal para a profissionalização do escritor (Rio, 1994). Na crônica “Em guarda”, ressalta o potencial do jornal para observação do

cotidiano e do momento histórico brasileiro (Almeida, 1906). Estes registros demonstram a consciência, por parte da escritora, do papel dos periódicos na circulação da literatura e, de modo mais amplo, no desenvolvimento nacional. Assim, esta apresentação objetiva situar Lopes de Almeida como uma escritora polígrafa. Para tanto, analisaremos a relação entre os gêneros textuais mobilizados no conjunto de sua obra e os públicos-alvo aos quais se alinhavam, para dimensionar os diferentes âmbitos pelos quais seu nome circulou. Evidências em propagandas, críticas e comentários de jornais à obra de Almeida constroem o quadro do trabalho de uma escritora participativa e em constante experimentação. A partir deste panorama, é possível alinhar-se à hipótese de Michele Fanini (2013) sobre a construção da imagem de Júlia Lopes de Almeida como profissional das letras, engajada na dinâmica de produção escrita do novo século.

Rupturas e permanências do sistema patriarcal brasileiro, o caso da personagem Patrícia em *Verão no aquário*, de Lygia Fagundes Telles

Caio Augusto Leite

Doutorando do Programa de Pós-Graduação

em Literatura Brasileira FFLCH-USP

E-mail: caio.augusto.leite@usp.br

Esta apresentação é um recorte da tese de doutorado em andamento no programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP, a qual busca analisar as transformações e permanências das relações patriarcais na obra romanesca de Lygia Fagundes Telles. A pesquisa parte do fato de que os quatro romances da autora foram publicados em décadas diferentes – *Ciranda de pedra* (1954), *Verão no aquário* (1963), *As meninas* (1973) e *As horas nuas* (1989). Como visto, as obras abrangem um período de tempo que vai dos anos 1950 aos anos 1980, passando por importantes marcos históricos, os quais foram determinantes para que houvesse mais ou menos transformações e permanências no sistema patriarcal. A pesquisa também leva em consideração a presença de protagonistas mulheres em todos os romances bem como a recorrente ausência da figura paterna – seja por morte, loucura, abandono, etc. – o que aponta para uma possível percepção da autora de que o conceito de família patriarcal passa a sofrer mudanças cada vez mais significativas durante o século XX. O texto apresentado analisa a personagem Patrícia de *Verão no aquário*, de Lygia Fagundes Telles, levando em consideração a sociedade brasileira dos anos 1950-1960. O foco da análise está na relação de Patrícia com o sistema patriarcal vigente – abarcando conceitos como casamento, maternidade e papéis sociais que se esperava que as mulheres deveriam desempenhar e aqueles que não eram usuais que estas desempenhassem. Desse modo, buscou-se apresentar não apenas as atitudes da personagem, mas sua reverberação no ambiente social em que vive – como a opinião dos parentes – além de enfatizar a diferença de como Patrícia é tratada se comparada com a personagem Laura, de *Ciranda de pedra*, e no que difere a relação entre Patrícia e Raíza da de Laura e Virgínia. O período de quase uma década que separa as duas obras pode ser relevante para explicar as mudanças sociais em relação a como eram vistas as mulheres, porém o traço conservador da sociedade brasileira deve ser observado para compreender a permanência de regras morais que continuariam a cercear os direitos das mulheres do período.

As buscas incessantes em *Tu não te moves de ti* (1980) e *A obscena senhora D* (1982): um estudo sobre os narradores-personagens de Hilda Hilst.

Beatriz Rodrigues Torres Zanon

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira

FFLCH-USP

E-mail: beatriz.torreszanon@usp.br

A escrita de Hilda Hilst vem ganhando mais espaço e relevância no campo de estudos em literatura brasileira e, dentre as várias temáticas focalizadas e as inúmeras características tidas como marcantes no jeito de escrever da autora, observa-se que o estudo de seus narradores ocupa um lugar de destaque. Nesse contexto, pode-se dizer que algumas narrativas da autora se sobressaem, não apenas por conta das figuras que detém a função de narrar, mas também pelas suas temáticas e pela própria recepção dessas obras pelo público e pela crítica. Assim, a presente pesquisa visa estudar os narradores-personagens de duas das obras da autora brasileira Hilda Hilst, a saber: *Tu não te moves de ti* (1980) e *A obscena senhora D* (1982). O objetivo é compreender a forma como essas figuras são desenvolvidas pela autora, bem como quais características narrativas e estilísticas podem ser encontradas com mais frequência nos textos e quais mudanças temáticas, de estilo e no modo de narrar podem ser observadas. A pesquisa pretende trazer reflexões acerca da maneira como Hilst construiu os narradores-personagens desses dois textos publicados, e como as diversas formas através das quais a autora os retrata em suas narrativas, e também como os coloca diante dos leitores, influenciam no modo como essas são percebidas. O ponto de semelhança central que será destacado é a questão dos estados de buscas constantes, e aparentemente sem resultados satisfatórios, que conduz as trajetórias desses narradores-personagens. Além de análises específicas, nas quais serão destacadas particularidades de cada um desses narradores, também será realizado um movimento comparativo entre as narrativas, destacando como esses são representados pela autora e como isso se relaciona com os efeitos gerados pelas narrativas em seus leitores. Para discutir questões teóricas acerca do narrador e do ponto de vista do qual se narra, aspectos que também serão estudados, será utilizada uma combinação entre uma abordagem tipológica do narrar, a partir das perspectivas de Friedman (1967), e a escola de Frankfurt, que será representada aqui pelos nomes de Benjamin (1985) e Adorno (1958). A escolha por trabalhar com os textos *Tu não te moves de ti* (1980) e *A obscena senhora D* (1982) se justifica pois, além de possuírem narradores singulares e que podem ser considerados como exemplos do modo como a autora trabalha esse elemento da narrativa, acredita-se que esses também trazem questões importantes para a compreensão da obra de Hilda Hilst como um todo, abordando aspectos que podem ser considerados como centrais para a produção literária da autora.

Do pecado à catarse: o acesso da mulher a dimensão do erotismo no Modernismo brasileiro

Amanda Oliveira

Mestranda do Programa de Culturas e Identidades Brasileiras do

IEB-USP

E-mail: amanda_oliveira@usp.br

Ao pensar nas vozes que foram silenciadas na construção do cenário do cânone literário brasileiro se faz notório refletir sobre as escritoras que não tiveram visibilidade evidenciada no sistema acadêmico e intelectual pelo simples fato de se enquadrarem em uma posição social destinada a marginalidade: ser mulher. Assim, essa apresentação visa examinar como a mulher acessou à dimensão do erotismo a partir do Modernismo brasileiro. Partindo da importância da Semana de 22, cabe o seguinte questionamento: onde estavam e o quê produziam as escritoras durante a Semana, uma vez que, o imaginário nacional fora moldado pela visão de homens brancos e conservadores? Em sua formação histórica, a cultura brasileira é formada pela visão do homem branco, visão essa que reflete nas artes e não deixou de estar presente na Semana de Arte Moderna de 1922, uma vez que, nomes femininos apareciam entre as artistas mas não apareciam em destaque nas divulgações. Antes do evento da Semana de 22, na construção do cânone, a presença da mulher não era perceptível, pois seu lugar social ainda era fortemente marcado pelo trabalho doméstico e cuidados para com a família. Uma das marcas do século XX foi a luta pelo direito ao voto feminino, que culmina também na luta pela educação a nível superior e inserção no mercado de trabalho fora do contexto familiar. A partir disso, cabe analisar o campo literário da década de 1920, com atenção a produção de Gilka Machado, responsável por ser uma das pioneiras da literatura erótica brasileira, com sua obra *Mulher Nua*, teve relevância significativa para suas sucessoras, como é o caso de Hilda Hilst, autora que se destacou pelo seu estilo singular de escrita ao mesclar a linguagem culta da literatura clássica para tratar de matéria baixa: a pornografia, ao lançar sua tetralogia obscena, composta pelas obras em prosa *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d'escárnio – Textos grotescos* (1990), *Cartas de um sedutor* (1991) e o volume em poesia *Bufólicas* (1992).

LITERATURA ÀS MARGENS: FORMAS LITERÁRIAS NÃO CANÔNICAS

Os escreveres de Clarice Lispector: um estudo de crônicas metalinguísticas

Mariana Borrasca Ferreira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira

FFLCH-USP

E-mail: mariana.borrasca.ferreira@usp.br

As crônicas de Clarice Lispector publicadas no *Jornal do Brasil* entre os anos de 1967 e 1973, não raro, trazem reflexões sobre o ato da escrita, sendo de grande relevância para o estudo da metalinguagem na produção da autora. A leitura atenta deste conjunto de textos revela que, em muitos momentos, a voz narrativa clariciana faz uma distinção entre dois escreveres: o escrever para jornal e o escrever livros. O tema aparece, por exemplo, em “Escrever”, crônica publicada originalmente em 14 de setembro de 1968, em que, ao elaborar uma reflexão sobre a fatura da escrita, faz-se a ressalva de que o que está sendo desenvolvido se refere ao escrever aquilo que se transformará em livro e “não muito” ao escrever para jornal. O assunto também está presente em “Ser cronista”, de 22 de junho do mesmo ano, e em “Escrever para jornal e escrever livro”, de 29 de julho de 1972, entre outras crônicas. Destaca-se, em tais textos, o tipo de relação estabelecida entre autor e leitor em cada forma do escrever e a preferência da voz narrativa pela escrita de livros: “Não há dúvida, porém, de que eu valorizo muito mais o que escrevo em livros do que o que escrevo para jornais - isso sem, no entanto, deixar de escrever com gosto para o leitor de jornal e sem deixar de amá-lo” (*A descoberta do mundo*, 1999, p. 421), afirma a voz narrativa na crônica de 1972. A comunicação que aqui se propõe visa entender, a partir da análise temático-estilística dos textos citados, quais seriam as características que distinguem esses dois escreveres na obra clariciana, problematizando a aproximação, recorrentemente feita, entre a voz narrativa e a figura da autora nos estudos referentes às crônicas metalinguísticas.

De autora a personagem: a literatura de e sobre Sylvia Serafim

Sergio Schargel

Doutorando em Literatura Brasileira pela USP. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em
Ciência Política pela Unirio. Especialista em Literatura Brasileira pela UERJ.

E-mail: sergioschargel@gmail.com.

Em 26 de dezembro de 1929, como consequência de uma matéria de capa do jornal *Crítica* que trazia seu suposto adultério, Sylvia Serafim assassinou Roberto Rodrigues, irmão de Nelson Rodrigues. Logo no primeiro momento, o assassinato sofreu um processo de estetização, tornando-se palco teatral de uma disputa política e econômica entre os grandes jornais da época. Por parte de *Crítica*, teve início uma campanha de difamação, no qual o jornal classificava a jornalista como “Cadela das Pernas Felpudas”, “Literata do Manguê”, “Mocinha de Todos de Petrópolis”, “Vagabunda Apadrinhada por Amantes que se Supõe Poderosos”, entre outros epítetos, e a acusava de ter privado uma família de um pai provedor. Como consequência, Sylvia Serafim, jornalista e escritora com vasta produção intelectual, passou a ser tratada somente como assassina (mesmo tendo sido absolvida), tendo sua produção literária, jornalística e política abandonada. A proposta deste artigo é formular um esboço inédito de crítica sobre seu trabalho intelectual, mesclando com alguns elementos de relato pessoal. Para isso, por meio de uma pesquisa em arquivo, combinando análise documental e bibliográfica, foram selecionados fragmentos de seu principal livro, *Fios de prata*, bem como alguns de seus artigos que discutem pautas de gênero na Literatura e que permanecem relevantes no contemporâneo. Além disso, o estudo busca entender os mecanismos que levaram ao seu apagamento, à luz de teorias sobre processos de desumanização elaboradas por autores como Sandra Gilbert, Susan Gubar, Eliane Robert Moraes e Virginia Woolf. A análise preliminar revela uma produção literária sensível em *Fios de prata*, além de artigos que evidenciam o engajamento de Serafim com pautas feministas e intelectuais. Ao resgatar sua obra, o estudo contribui para a revisão crítica de autoras marginalizadas, questionando as razões de seu apagamento e promovendo sua inclusão no cânone literário. A pesquisa também oferece novas perspectivas sobre a intersecção entre gênero, literatura e violência, iluminando a complexidade da figura de Sylvia Serafim.

Viagem e aprendizagem epistolar: breve reflexão sobre o diálogo entre Mário de Andrade e Ademar Vidal.

Amanda Cruz
Mestranda em Estudos Brasileiros
(IEB-USP)
E-mail: amanda.ferreira.cruz@usp.br

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a rede de sociabilidade construída por Mário de Andrade durante a viagem realizada ao Nordeste do país – com foco na relação entre o modernista paulista e o paraibano Ademar Vidal – mostrando como os laços estabelecidos ao longo da viagem que aconteceu entre o final de 1928 e o início de 1929, viabilizaram que Mário de Andrade continuasse refletindo sobre o Brasil em toda sua extensão pois o diálogo epistolar travado entre o paulistano e outros escritores e estudiosos é caracteriza principalmente pelo intercâmbio e pela troca intelectual.

VOZES DO INDIZÍVEL: ANGÚSTIA E TRAUMA NA LITERATURA

A angústia em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector

Jenifer Ianof de la Fuente

Mestranda em Literatura Brasileira

(FFLCH-USP)

E-mail: jeni.ianof@gmail.com

A presente comunicação visa a um recorte da pesquisa em andamento sobre a obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector. Será abordada a expressão de angústia da protagonista Lóri que perpassa toda a narrativa. Ao conhecer Ulisses, um professor de filosofia que lhe coloca como condição para a realização amorosa que ela conheça a si própria e abandone, assim, seu autoanestesiamento, Lóri passa a empreender um percurso de aprendizagem que a levará a repensar sua relação consigo mesma e com o mundo. Lóri inicia o romance buscando a todo custo evitar a dor, o que faz com que ela seja acometida por uma acentuada e intermitente angústia, retratada por uma atmosfera incômoda, desconfortável e pesada. Ainda que ela evite expressões de sentimentos, seu corpo exige essa exteriorização e, por isso, acompanhamos manifestações de sensações físicas bastantes intensas. Atravessada pelo gozo lacaniano, essa angústia que acomete Lóri a paralisa e a situa em uma suspensão temporal. O desafiador e complexo processo de constituição como sujeito pelo qual Lóri se desloca, transitando entre sensações antagônicas e invertendo valores elencados pelo senso comum, faz com que ela se afaste da posição aprisionante em que ela se encontrava. Esse afeto, ainda, está atrelado ao desamparo primordial, postulado por Freud. Diante da impotência, da incompletude e da finitude humana, a protagonista se aflige. Sustentar sua falta e insuficiência é a grande empreitada de Lóri para que ela possa se aproximar de seu desejo. Assim, buscamos uma aproximação a teorias psicanalíticas, em especial as de Freud e Lacan, que auxiliem na compreensão da jornada existencial de Lóri e do novo papel que assume a angústia em relação a si mesma e ao mundo em sua constituição ao longo da obra.

Projeção vibrante da matéria em *Perto do coração selvagem*

Danielle Pedrassoli dos Santos Rosa

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira

DLCV-FFLCH

E-mail: danielle.pedrassoli@gmail.com

Em suas obras, Clarice Lispector dedica-se frequentemente a explorar o núcleo vital da existência. Sua escrita busca acessar a vida em sua forma mais pura e elementar. Nesse movimento, o uso recorrente do termo "coisa" não apenas evoca o indizível, mas marca uma transição de nomear para questionar. Progressivamente, tudo o que é convertido em "coisa" torna-se foco de constante questionamento e descoberta. Essa investigação da vida em sua gênese retrocede para além dos primeiros instantes de existência, remetendo frequentemente à ancestralidade dos seres. Adota-se, assim, uma perspectiva integrativa, na qual indivíduo e cosmos são vistos como entidades interligadas, promovendo uma reinterpretação contínua da existência, em que são desafiadas noções estabelecidas de finitude e perpetuação, separação e similaridade, favorecendo um entendimento mais complexo e coeso do ser humano, de sua origem e de seu lugar no universo. Ao examinar a posição do ser frente às imensas forças da natureza, Clarice incita reflexões sobre como percepções e realidades são moldadas pela capacidade de encantamento e pela disposição de explorar além do visível. Essa imbricação ressoa com o ritmo do cosmos, evidenciando uma relação harmoniosa entre introspecção e os eternos mistérios que envolvem a existência. Tal concepção encontra eco dentro do paradigma das ciências naturais que, embora sigam uma trajetória distinta, compartilham a ambição de explorar os complexos enigmas da vida, do universo e da consciência. Assim, a obra de Clarice Lispector posiciona-se como um ponto de convergência entre literatura e ciência, sugerindo que ambos os campos, apesar de suas diferenças metodológicas, compartilham o objetivo comum de entender profundamente a condição humana e o universo. A partir dessa proposição, o presente estudo visa examinar essa correlação na escrita da autora, com ênfase em sua obra inaugural, *Perto do Coração Selvagem* (1943), e evidenciar que a proximidade com o universo das ciências naturais não se restringe a uma simples aproximação temática, mas se manifesta no desvelamento das experiências de suas personagens, esquadrihadas até o limite, o que faz com que as conclusões desse processo frequentemente transcendam a dimensão do particular e abarquem o universal.

Rupturas traumáticas e tessituras mnêmicas em um *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende

Lara Maria Arrigoni Manesco

Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada

DTLLC-USP

E-mail: lara.manesco@usp.br

O romance *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende nos convoca a refletir sobre a construção da memória em diversos planos. A História da ditadura civil-militar se entrelaça à história da protagonista Maria – militante que se infiltrara no pequeno vilarejo de Olho d'água como educadora popular – revelando o esgarçamento do sonho revolucionário que ela ali desejara semear. Maria é uma professora aposentada que retorna ao sertão de sua mocidade para dar uma palestra para os trabalhadores rurais. A viagem desperta na personagem as memórias que ela vai desfiando e reconstruindo à medida que se aproxima de seu destino. Nesse movimento entretido do rememorar somos apresentados às questões sociais que envolviam sua primeira ida ao sertão, ao contexto da ditadura civil-militar e às questões materiais e simbólicas que envolvem o fio e o contar histórias no vilarejo de Olho d'água. A tessitura comparece não apenas no plano metafórico do fazer mnêmico, como também na atividade econômica principal do povoado: a confecção de redes. Toda a cadeia produtiva desde o tingimento até a urdida do produto perpassa o romance, que convida a refletir não só sobre o trabalho e sua alienação, mas também sobre as relações das atividades de tecelagem com a palavra e a contação de histórias. Enquanto Maria aprende o ofício com os moradores da região, ela torna-se uma narradora, dividindo as histórias de suas viagens com a comunidade. Esse intercâmbio de fios e palavras remete às reflexões de Benjamin (2014) sobre o trabalho artesanal e a narração. Analisamos em nosso trabalho, a figura de Maria em paralelo com as figuras míticas de Penélope e Ariadne, que manipulam os fios a fim de promover uma transformação da realidade que as circundam, assim como o faz a professora no seu movimento de resistência ao regime ditatorial por meio da trama e da palavra. Porém, a linha que a guia é rompida pela violência do regime: Antônio um companheiro que lutava nas Ligas Camponesas é assassinado e Maria precisa fugir às pressas de Olho d'Água A ruptura é abrupta, revelando o esgarçamento de suas palavras libertárias, que poderiam alterar o destino do pequeno povoado. A morte traumática de Antônio, cujo olhar a protagonista sempre buscava, marca o fim das utopias e simbolicamente, ao deixar as prendas dadas por ele para trás, Maria deixa que as lembranças sejam sepultadas junto a ele na terra batida do sertão. Ainda que restem fiapos de sonho, a possibilidade concreta de intervir na trama social é interrompida, e só por meio da revisitação pode ser compreendida. O relato entrecortado e hesitante de Maria revela a reconstrução inquieta de uma memória marcada pela violência e que flerta com a dicção do trauma. O desaparecimento e morte dos companheiros deixam marcas na vivência da narradora, que mesmo não tendo vivenciado no corpo tais violências, vive a fratura do sonho que a irmana às demais vítimas.

LITERATURA BRASILEIRA E NEGRITUDE: AUTORES E PERSONAGENS NEGROS

Entre a invenção e o pragmatismo: uma análise do conto “O diplomático”

Fernando Rodrigues da Costa

O conto machadiano selecionado para esta comunicação é intitulado “O diplomático”, ele foi primeiramente publicado em 29 de outubro de 1884 na Gazeta de Notícias. Sabe-se que de tempos em tempos Machado de Assis fazia uma seleção das narrativas para posteriormente publicá-las em livro. Em 1896 o autor recolheu e publicou algumas delas no livro *Várias Histórias*, “O diplomático” consta entre o décimo dos dezesseis contos presentes na obra. Desde a juventude, Machado de Assis escreveu crônicas, poesias, peças de teatro, traduções, contos e romances, entretanto, a crítica tende a considerar os grandes feitos do escritor nestes dois últimos gêneros. Tanto a duração quanto a forma, tema ou construção de efeito sempre estiveram no cerne da discussão do gênero conto. O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) em seus ensaios “Review of Hawthorne’s Twice-Told Tales” (1842) e “Poetic Principle” (1850) já trabalhava estas proposições. Poe destaca, por exemplo, que o conto, diferentemente da forma romance, pode ser lido “numa única assentada”, isto é, não teríamos o desenvolvimento por partes suscitado pelas narrativas mais longas. A produção de efeito torna-se algo extremamente relevante para Poe, sobretudo no contexto de produção das histórias de terror em que o autor estava inserido. Como se sabe, Machado de Assis experimentará diferentes facetas desse gênero, inclusive observando as reflexões propostas por Edgar Allan Poe e citando o autor em seus textos críticos e advertências ao leitor. Nesta análise do conto “O diplomático”, procuramos destacar não apenas os aspectos narrativos e de construção textual, como também as relações dessa história com tantas outras escritas pelo autor brasileiro. Percebe-se que Machado tende a recuperar aspectos já trabalhados anteriormente, como, por exemplo, a disputa vista no conto “O machete” (1878), no qual Inácio e Barbosa podem simbolizar tanto o violoncelo e o machete, quanto o erudito e o popular. No âmbito mais profundo desta análise, perceberemos que esses dois caminhos resultaram posteriormente em uma espécie de convergência, quando Machado escreve as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) e na advertência traz a voz narrativa que exhibe as reflexões sobre o grave e o frívolo. Conforme veremos, no conto “O diplomático” esta relação aparece novamente simbolizada pela disputa entre os personagens Rangel e Queirós em torno da figura de Joaninha. No entanto, o narrador fará uso do discurso indireto livre e o leitor ficará muito mais próximo das impressões e pensamentos do protagonista Rangel. Este, porém, não consegue realizar-se no plano pragmático, todas as ações ocorrem pela imaginação do personagem que não pode concretizar seus diversos

planos e pretensões. Aqui teremos também um caminho de análise para a figura do Conselheiro Aires, personagem que em *Memorial de Aires* (1908), último romance de Machado, não contará com um narrador externo, mas será ele próprio quem manterá o controle e articulação da história escrita em forma de diário. Desse modo, nota-se que o elemento que no conto funciona como adjetivo, no romance seria a própria profissão ou mesmo definição de Aires, ou seja, um diplomata aposentado, discreto e reservado que retorna ao Brasil para observar as vidas alheias e viver os últimos anos de vida. Machado insere nesse personagem-narrador uma série de contradições e complexidades, mas que no caso do conto “O diplomático” aparecem de modo mais evidente por estarem introjetadas em personagens que sugerem diferentes tipos de oposições.

“A cidade, eles querem catita”: diálogos entre as crônicas e o romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto.

Patricia Dayane Acs

Doutoranda, PPGLB/USP

Orientador: Prof. Dr. Erwin Torralbo Gimenez

patriciaacs@usp.br

Vivenciando as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX, o escritor Lima Barreto acompanhou algumas das fases de transformação da cidade do Rio de Janeiro. Mais do que realizar melhorias necessárias, o conjunto de reformas representava um ideal de europeização da então capital do Brasil, anseio de governos e da elite carioca. O projeto de modernização visava colocar o Rio de Janeiro dentro dos moldes das grandes capitais ocidentais. Para isso, buscava-se modificar a estrutura física do Rio, bem como os costumes e a cultura da população – “A cidade e os seus habitantes, ele quer catitas”, como o cronista Lima alude em “O prefeito e o povo”. Muitas das crônicas escritas por Lima Barreto problematizaram o contexto dessas reformas, questionando as funcionalidades e os interesses envolvidos. Conjuntamente, elas forjam um ponto de vista sobre a cidade. Além das crônicas, a cidade é o eixo central do romance “Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá”, publicado em 1919, mas pensado desde 1906. Esta análise aborda os diálogos entre as crônicas e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, destrinchando como as ideias formuladas no decorrer da escrita das crônicas perpassam o romance, como um ponto de vista barretiano sobre a cidade, formulado nas crônicas, constitui a narrativa do livro. Nas crônicas, que estabelecem a inserção do escritor em um debate público, essa perspectiva se coloca como crítica ácida. Em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, ela passará pelas camadas de sentido mais profundas, manifestando-se de muitas formas. São relações que se estabelecem, também, nos níveis estéticos, provocando diálogos entre os gêneros crônica e romance. A partir dessa leitura, busca-se levantar alguns dos muitos aspectos da obra do escritor.

A fugitividade como índice do descompasso conciliador em *Jubiabá*, de Jorge Amado

Felipe Veríssimo Pereira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira

FFLCH-USP

E-mail: felipe.verissimo.pereira@usp.br

Neste trabalho, como hipótese de leitura, apresenta-se o *descompasso conciliador* enquanto princípio formal do romance *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado (1912-2001), compreendendo a *fugitividade* como seu índice fundamental, encarnada, de diversas maneiras, na trajetória inconstante do herói negro Antônio Balduino na sua luta “para não ser escravo”. Esse princípio estruturante da narrativa se faz especialmente perceptível nas angulações do narrador quanto à matéria narrada, sobretudo em relação ao protagonista, marcadas por sua aproximação e distanciamento críticos na organização hierarquizada dos variados substratos que compõem a obra. Assim, trata-se de investigar a figuração — e a sua concomitante análise por parte desse narrador descompassadamente conciliatório — das múltiplas formas da *fugitividade* ao longo da experiência formativa de Balduino, como, por exemplo, o candomblé, malandragem, quilombismo, boxe, suicídio, trabalho, greve etc., cujos desenvolvimentos servem para, no horizonte da narrativa, consolidar a luta política enquanto forma consciente e eficaz de transformação social com vistas à revolução socialista. Por sua vez, todas essas angulações permitem visualizar, na organização interna do romance, a presença implícita do intelectual engajado que, nas palavras de Antonio Candido, “se irmana com o negro Antônio Balduino”. Desse modo, é possível apreender os diversos níveis de descompasso e conciliação manifestados entre o escritor comunista, subjacente no arranjo da narrativa, e o “povo”, em um contexto histórico no qual se atualizavam as reminiscências da escravidão na modernidade. Enfim, o presente trabalho apresenta parte de uma discussão ainda em desenvolvimento na dissertação, que, até o momento, recuperou a fortuna e recepção críticas de *Jubiabá*, e defendeu, como hipótese de leitura, sua investigação em uma perspectiva de análise formal, em um viés, portanto, distinto dos estudos majoritariamente identitários. Espera-se com a investigação contribuir para o desenvolvimento e a compreensão da literatura e fortuna crítica amadianas, e, também, do romance brasileiro de 1930.

Jorge Amado: do *conteur* e romancista ao crítico literário

Kátia Giovana Costa Lima

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira

FFLCH –USP

E-mail: katiagiovana@usp.br

O presente resumo refere-se ao trabalho de pesquisa sendo desenvolvido no doutoramento, desde 2021, o qual abrange uma compilação e organização de textos da produção crítica realizada pelo escritor Jorge Amado, incluindo artigos e resenhas de livros, do período em que ele colaborou para diversos jornais e revistas, além de alguns contos inéditos de sua autoria. Foram localizados, reunidos e digitalizados, em especial, textos que foram publicados em diversas revistas, por exemplo: *Boletim de Ariel, Literatura, Lanterna Verde* e no *Anuário Brasileiro de Literatura*, além de jornais como *Dom Casmurro, Carioca, Literatura, Jornal da Tarde, Diários de Notícias, Panfleto*, entre outros, abarcando o período das décadas de 30 a 50. O objetivo, além da organização, é averiguar a posição e postura do escritor exercendo a função como crítico literário e não somente como o romancista ou contador de história, como, geralmente, ele é conhecido e difundido no meio acadêmico e literário.

PERSPECTIVAS LITERÁRIAS: HISTÓRIA, CRÍTICA E TEORIA

A história literária no Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra (1771)

Dario Trevisan (FFLCH/USP)

[Processo nº 2022/07144-7,

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)].

E-mail: dariotrevisan@usp.br

Nas últimas décadas, diversos estudos, como os de José Cebrián (1997), Paul Nelles (2001) e Alexander Wright (2017), têm destacado a centralidade da história literária entre letrados dos séculos XVII e XVIII. Nesse período, a expressão ainda não havia se especializado, designando um projeto de erudição composto por aspectos vários da história do conhecimento. Tal vagueza conceitual permitiu que obras bastante diversas fossem consideradas, muitas vezes, colaborações à matéria. Por exemplo, havia quem se ocupava da compilação da vida e obra de varões ilustres. Outros preocupavam-se com a seleção das principais autoridades em determinado assunto e com os métodos mais proveitosos para seu estudo. Alguns, mais ambiciosos, narravam a origem, o declínio e o progresso, num lapso de séculos, de diferentes disciplinas do saber. Entretanto, a despeito da documentada relevância da história literária, notadamente, na Alemanha e na Espanha, pouco se sabe de suas propriedades noutros lugares. Ao assinalar tais omissões, Wright (2017) sugere que um entendimento robusto da prática beneficiar-se-ia de estudos que ampliassem seu escopo geográfico. O objetivo desta comunicação é preencher, parcialmente, uma dessas lacunas, salientando os usos da expressão no *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra (1771)*, decisivo para as reformas pombalinas na educação portuguesa. O comentário sobre a história literária, nessa obra, é particularmente intrigante, pois seu estudo permite dilatar as observações, feitas por Nelles (2001), a propósito do vínculo profundo entre a história literária e o ensino universitário setecentista. Nesse sentido, a partir da análise de um dos capítulos do *Compêndio*, centrado na utilidade da disciplina para os estudos jurídicos, argumenta-se que a história literária contribuiu para avançar alterações significativas no currículo jurídico da Universidade de Coimbra e, portanto, desempenhou papel relevante, ainda pouco conhecido, na superação do ensino jesuítico em Portugal (As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP).

A memória de Riobaldo: a *mimesis* do lembrar-esquecer em *Grande sertão: veredas*

Cláudia Ayumi Enabe

Doutoranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Literatura

Brasileira

(FFLCH/USP)

E-mail: claudia.enabe@alumni.usp.br

O romance de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (1956), estrutura o seu discurso a partir da *mimesis* da atividade rememorativa a que se dedica a velhice, para quem a transmissão da memória remete à sobrevivência de tempos, de lugares e de modos de vida, talvez em vias de se extinção. Parece ser o pressentimento desse ocaso que conduz a evocação do narrador-memorialista, como se ao fundo se afinasse um tom elegíaco, com o fim do povo e de suas crenças. A destituição dessa cultura rompe a fala riobaldiana em um avesso de linguagem no qual uma *poética* de inspiração popular não pode ser incorporada sem impasse. A estrutura híbrida da “estória” permite entrever a incorporação de formas provenientes da cultura popular, as chamadas *formas simples*, nos enunciados do narrador, configurando um cruzamento de temporalidades. Com isto, a narração de Riobaldo se constituiria uma procura por recuperar um sertão que depende de um modo de expressão lendário para ser representado como fonte das experiências decisivas que conduzem o destino do jagunço ao pacto demoníaco. Por essa perspectiva, o romance de João Guimarães Rosa se formaria como um exercício de memória, à medida que o relato do narrador-protagonista se constitui pela rememoração dos caminhos percorridos em sua vida para, ao fim da conversa, “armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho” (Rosa, 2019, p. 159). A velhice desponta como um estágio em que o narrar, exercido como um trabalho de rememoração, passa a ser prática vital. Quando se atinge o instante em que o ato e a reflexão compõem o mesmo movimento, o narrador-protagonista converte-se em narrador-memorialista, processo que não se restringe à narrativa de ficção, mas que atende à “musa épica” (Benjamin, 1985, p. 211) chamada reminiscência. A narração, como tarefa de Penélope, exige tanto a construção quanto a dissolução, em uma escritura infinita formulada a partir de diferentes configurações simbólicas.

A loucura como crítica e negação da lógica e da pretensão ao universal, em “Darandina”, de Guimarães Rosa

Aline Elen Santos Galvão

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira

N. USP: 13551076

FFLCH-USP

E-mail: aes.galvao@usp.br

Como observou Hansen (2012), Guimarães Rosa interveio no cânone literário brasileiro, de sua época, através da forma e do sentido estético e político de suas obras. Para Hansen: “a ficção de Guimarães Rosa é moderna e nega a normatividade de qualquer estética universal” (HANSEN, 2012, p. 121). Vale a pena dar destaque a representação da loucura na literatura de Guimarães Rosa, que muitas vezes através da arte ganha uma força de resistência. O escritor não só valoriza os personagens considerados loucos, como também tenta apresentar sua voz sem submetê-la à razão, seja por meio da inclusão de enigmas que não se revelam a explicações racionais, seja equiparando ou sobrepondo o valor da lógica dos personagens considerados loucos ao alcance das percepções dos sujeitos considerados condizentes com a “normalidade”. Muitas vezes “Darandina” foi aproximado do conto “O alienista”, de Machado de Assis, pois é possível notar pontos em comum nos contos. Em Machado de Assis, o Simão Bacamarte, médico psiquiatra responsável pela Casa Verde, tenta encarcerar a loucura em seu hospital, mas termina descobrindo que ele mesmo estava tomado por uma espécie de loucura e, portanto, decide se internar na Casa Verde. Como notou Oliveira (2001), no entanto: “Machado de Assis não escapa das limitações científicas de sua época” (p. 80), essa seria a grande diferença entre Guimarães Rosa e Machado de Assis, uma vez que Rosa não submete a loucura aos pressupostos racionais. Em ambos os textos a racionalidade quer encarcerar o que se acredita ser a doença mental como desvio da norma, mas é a razão que enlouquece, entrando em colapso, sobretudo em Machado. No conto de Rosa, a razão se mostra fracassada para aprisionar os múltiplos sentidos que a loucura, liberta no topo da árvore, é capaz de produzir. O conto “Darandina” resgata sentidos de um momento em que atribuíam à loucura percepções anteriores ao posicionamento social de exclusão do louco, pois retrata a loucura por um prisma mítico, místico e sagrado, e ainda como questionamento das barreiras sociais, sugerindo alternativas para lidar com os desvios da norma. No conto estão presentes significados que eram atribuídos à loucura pela Antiguidade, (período em que o louco era visto dentre outras coisas como um sábio e, por isso, a sociedade lhe atribuía algum prestígio) como uma forma de buscar alternativas para lidar com a loucura sem resultar na exclusão dos sujeitos com comportamentos desviantes. Na escrita de Rosa, a loucura, em vez de ser submetida a exclusões, é representada como instrumento de inclusão e reage aos estigmas históricos que foram construídos ao longo dos séculos, retomando, dentre outras coisas, o seu lado lírico e sua experiência trágica, com base na valorização da sensibilidade do louco e na aceitação da lógica dos excluídos, do não sentido e do não enquadramento em pressupostos racionais.

Rosa não propõe a exclusão da racionalidade e a substituição pela sabedoria do louco, ele aponta a necessidade de não se fechar para o diferente.

EXCLUSÃO, OPRESSÃO E VIOLÊNCIA: DESAFIOS À RAZÃO E À ORDEM SOCIAL NA LITERATURA

“Demônios”, de Aluísio Azevedo

Luana dos Santos Claro

Graduada em Letras - Português pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo
(FFLCH/USP)

E-mail: luana.claro@alumni.usp.br

Aluísio Azevedo (1857-1913), escritor maranhense, certamente é mais conhecido por seus romances, dentre os quais *O mulato* (1881), *O cortiço* (1890) e *Casa de pensão* (1884) talvez sejam os mais lembrados. Entretanto, a obra de tal autor é mais ampla e inclui até mesmo a caricatura, que ele produziu, principalmente, no período que corresponde à sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro, entre os anos de 1876 a 1878, para diversos periódicos. De volta ao Rio de Janeiro pouco depois, Aluísio Azevedo passa a publicar em jornais, porém não mais as caricaturas principalmente, mas romances-folhetim, crônicas e contos, demonstrando uma mudança de foco quanto à sua produção artística. Nesse contexto, o objeto de interesse desta comunicação são os pouco comentados contos de Aluísio Azevedo, especificamente reunidos na obra *Demônios*, publicada em 1893 pela editora Teixeira e Irmãos. Essa coletânea foi editada algumas vezes ao longo dos anos, com algumas modificações, mas, de forma geral, o aspecto variante é o da seleção de textos. Isso, pois há uma outra publicação de contos, de nome *Pegadas*, lançada em 1897 pela editora Garnier, a qual apresenta alguns textos que não constam em *Demônios*. Por isso, as diversas edições ora mantêm a seleção de 1893, ora incluem os contos de *Pegadas* também. A versão de 1893 da obra é formada por doze contos, sendo o primeiro, que dá nome à coletânea, mais extenso do que os restantes - há, vale ressaltar, três versões desse texto. A recepção de *Demônios* foi modesta e a crítica, até então, escassa. À semelhança dos apontamentos relativos aos romances, entretanto, é possível vislumbrar o caráter híbrido dessa obra, que apresenta tanto traços românticos quanto naturalistas, o que a torna um livro complexo e digno de investigação acadêmica. Portanto, a pesquisa proposta intenciona contribuir com a fortuna crítica a respeito de Aluísio Azevedo, de forma a visibilizar tanto *Demônios* quanto a complexidade presente na obra desse autor tão conhecido e desconhecido ao mesmo tempo.

Sociologia da punição para pesquisa em Literatura Brasileira

Bruno Costa Vitorino

Mestrando em Literatura Brasileira / FFLCH-USP

E-mail: brunovitorino@usp.br

Esta apresentação é um aproveitamento das leituras feitas para as disciplinas de “Poder, punição e controle social: leituras em Teoria Social” e “Novos Fatos e Novos Significados da Violência nas Sociedades Contemporâneas: Ódio, Crueldade, Intolerância, Radicalismo” ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP, e analisa a segregação e a invisibilidade social no romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, a partir do conceito de “muçulmano”, em acordo com Giorgio Agamben em “O que resta de Auschwitz?” (2008). “Muçulmano” foi um jargão nazista para se referir aos prisioneiros dos campos de concentração e é usado pelo autor para investigar os a experiência do Holocausto e seus testemunhos, sendo o “muçulmano” aquele que não pode testemunhar porque experienciou o Holocausto por completo: foi exterminado. Apesar de muito diferente do projeto genocida nazista, a violência urbana também produz “muçulmanos” que experenciam a violência urbana por completo, experiências intestemunháveis não só por serem exterminados (muitas vezes por aqueles que os marginalizam, como o Estado, por meio da violência policial), mas por serem marginalizados e invisibilizados, de modo que seus testemunhos não são ouvidos. Assim, a apresentação investiga como *Eles eram muitos cavalos* aborda a questão da experiência urbana e daqueles que vivem seus extremos, tanto em momentos em que são enfoque da narrativa (como no fragmento 31, *Aquela mulher*), quanto em momentos em que são invisibilizados, tratados como aspectos da paisagem (como no fragmento 61, *Noite*). O principal objetivo é analisar como o romance entende as populações marginalizadas ao elaborar um panorama da capital paulista, chamando atenção para o fluxo de visibilidade-invisibilidade que confere aos “muçulmanos”, que experenciam a totalidade da violência urbana. Para isso, leituras de Teoria Social serão colocadas em diálogo com Teoria da Literatura para analisar o romance não apenas como uma tentativa de representar a cidade e suas populações, mas como uma forma de imaginá-las, de modo que a apresentação não se preocupa apenas em identificar os “muçulmanos” no romance, mas também em caracterizá-los e contrapô-los aos “muçulmanos” reais.

O POETA É UM DOADOR DE SENTIDOS

A década de 1820 e o nascimento da poesia brasileira

Bruno Gomes Rodrigues

doutorando em Literatura Brasileira

(FFLCH-USP)

E-mail: rodriguesgomesbruno@gmail.com

O nascimento da poesia brasileira foi um evento essencialmente constituído pela matéria histórica que deu origem ao Império do Brasil durante os anos de 1820. Com a independência, a produção realizada no território deixou de ser luso-americana, isto, é, uma parte da poesia portuguesa, para vir a se efetivar como um corpo autônomo. Esse processo, todavia, pouco foi abordado em sua complexidade pela historiografia, a qual preferiu dedicar seus maiores esforços para a compreensão da chegada das ideias românticas europeias entre as décadas de 1830 e 1850. Esta fala se propõe a apresentar, de modo resumido, os principais pontos dos anos iniciais de uma elaboração poética propriamente brasileira. Ela parte de 1821, quando composições sobre o liberalismo e o constitucionalismo começam a circular no Rio de Janeiro, e segue até 1831, na ocasião da primeira citação pública de uma noção de reforma da poesia. Esse período é dividido em duas partes. Na primeira, entre 1822 e 1825, há tanto a efetivação de uma voz local, sobretudo nos poemas circulados em periódicos que tratam das transformações políticas e institucionais e na obra de José da Natividade Saldanha, como a criação da noção de refazimento do passado, que ocorre, em especial, nos livros *Poesias oferecidas as senhoras brasileiras por um bahiano*, de Domingos Borges de Barros, e *Poesias avulsas de Américo Elysio*, de José Bonifácio, ambos publicados na França. Com a união tanto de uma voz local quanto de um princípio de desenvolvimento teórico, serão expostas as transformações da segunda parte, entre 1826 e 1831. Nela, os elementos críticos começam a ganhar maior alcance, mais materiais originais, como as *Obras poéticas de Falmeno*, de Felisberto Inácio Januário Cordeiro, ganham publicação e forma-se, por meio do parnaso de Januário da Cunha Barbosa, um pressuposto de cânone.

No avesso, o trabalho: a urdidura poética de Orides Fontela

Irana Magalhães Timoteo

Mestranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Literatura

Brasileira da Universidade de São Paulo

(FFLCH-USP)

E-mail: irana.mt@gmail.com

A pesquisa que será apresentada aqui propõe-se a investigar os aspectos simbólicos ligados ao trabalho e, mais especialmente, ao trabalho da tecelagem na poesia de Orides Fontela, a fim de compreender como a poeta utilizou os elementos relacionados à produção têxtil para unir, em uma trama maior, a materialidade do ato de tecer com o próprio fazer poético. Pretendemos averiguar como essa urdidura entre texto e tecido apresenta-se no vocabulário, nas figuras míticas, na ideia de trabalho e nas imagens tecidas pela poeta, em um exercício poético que busca compreender o ser através da linguagem. Para refletir sobre este assunto, selecionamos os poemas que abordam essa relação a partir da obra completa de Orides Fontela, composta por cinco livros publicados entre 1969 e 1996, a fim de observar como esses elementos se manifestam na elaboração dessa poética que se realiza na relação entre o pensamento e o trabalho das mãos. Com *Transposição* (1969), sua primeira publicação, Orides Fontela (1940 - 1998) entra para o cenário literário brasileiro como caso poético singular. Descolada dos movimentos que fervilhavam na poesia brasileira daquele período, a poeta usou sua própria voz para estabelecer a sua posição diante da realidade e daquilo que possa estar além dela. A concisão verbal que encontramos em seus poemas chamou a atenção de poetas e críticos literários por apresentar uma densidade poética significativa em poucas palavras, além de uma profundidade filosófica, em um primeiro momento, intuitiva, que se aprofundou após os anos de formação em Filosofia na Universidade de São Paulo. Este reconhecimento dado por críticos como Antonio Candido, Alcides Villaça, Davi Arrigucci Jr., Marilena Chauí e Augusto Massi garantiu que Orides conseguisse invadir o Olimpo, como ela se referia à sua entrada na literatura brasileira, mas o reconhecimento formal chegou mesmo nos anos 80, ao receber o prêmio Jabuti, em 1983, com "Alba", e, em 1996, quando foi agraciada com o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) por "Teia". O que notamos é que a poeta ocupou um lugar incerto no cânone da poesia brasileira, sem se prender a nenhum dos movimentos daquele período, destacando-se como uma voz única e independente. Apesar de ocupar um lugar limítrofe, isso não a impediu de consolidar-se como voz poética original, capaz de transcender o contexto imediato de sua época e de apresentar obras que se destacam por seu caráter atemporal.

O sangue dos que não negociaram

Mariana Carlos Maria Neto

Doutoranda em Literatura Brasileira

(FFLCH-USP)

E-mail: mariana.neto@usp.br

No poema “Homem livre”, de *Boitempo I*, Carlos Drummond de Andrade recupera através de um recorte do jornal *O Jequitinhonha*, datado de 1869, a figura de Atanásio, um escravo foragido que o patrão quer reaver pelo valor de Duzentos mil-réis. A eleição do recorte não é arbitrária, o senhor de escravos presente no poema se trata de um parente remoto de Drummond, Manuel Chassim Drummond. O fragmento, escavado no quintal da memória familiar, vai em “Homem livre” de encontro à experiência miúda do cotidiano na qual o homem branco era dependente da força, do engenho e dos talentos de negros como Atanásio. O anúncio é para todos os outros que não pertencem à família Drummond um dentre os muitos documentos históricos a respeito da escravidão no Brasil, não que o deixe de ser para o poeta, contudo é acima disso um caso familiar. Nesse poema, os parentes de Drummond estão representados como agentes da truculência, do poder e das violações, aos quais o poeta escolhe se opor. Essa atitude está longe de ser insignificante uma vez que se trata de confrontar o familiar, aquilo que supostamente é experimentado como natural. O compromisso com Atanásio, e com todos os escravizados, é de afirmar que pouco importa o lugar que se ocupe numa sociedade escravista, a escravidão nunca deixa de ser negativa. Essa premissa não só denuncia o fenômeno como também aponta para o atraso e para as profundas feridas sociais e culturais dele derivadas. Ao cabo do poema, não se sabe o que foi feito do destino de Atanásio, se foi preso e alguém premiado com duzentos mil réis, se viveu livre com seus tantos talentos, todavia, se sabe que sua força é irrefreável. A representação de figuras humanas marginalizadas não se limita a Atanásio. A série *Boitempo* possui uma coleção de homens e mulheres resgatados pela memória do poeta que ocupavam um lugar desviante na sociedade e a elas pretendemos nos ater.